

# Artigos

- Marilise Brockstedt Lech

Coleção de textos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados em redes sociais, jornais, revistas e livros diversos, disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/04/2012

Título : Diga-me o que e como diriges e...

Categoria: Artigos

Descrição: Quem nunca sonhou em ter um carro ou um determinado tipo de carro?

## MARILISE BROCKSTEDT LECH

Quem nunca sonhou em ter um carro ou um determinado tipo de carro? Esse bem de consumo que faz até os mais conscientes cidadãos confundirem necessidade com prazer, vai para muito além de seu significado real, avançando para representações simbólicas que revelam o modus vivendi do seu proprietário.

Do mesmo modo que a roupa que usamos pode estar apenas encobrindo o que ficou culturalmente convencionado que não devemos mostra, pode, por outro lado, estar revelando o nosso estilo e/ou nossa personalidade, o carro que dirigimos (e como o dirigimos), sem generalizações ou absolutismos, também pode revelar parte de quem somos, do que pensamos e de como vivemos.

A escolha de um carro nem sempre é fruto de uma definição puramente consciente ou inconsciente. Vários fatores levam a ela: o caixa disponível, os acasos, a praticidade, os valores de vida referentes ao conforto, à segurança e até mesmo à busca de status. Vale

salientar, que não é o valor monetário do carro que vai revelar quem é seu dono, mas sim, um conjunto de aspectos. Afinal, tem aquele que não tem nem casa própria, mas tem um “carrão” na garagem...

Alguns desses aspectos, que determinam as escolhas e revelam a personalidade e o estilo de vida do sujeito, são: o tamanho do carro - serve a família inteira ou somente um (a) acompanhante, o modelo - conservador ou esportivo; o e, ainda, a cor do mesmo, embora nos últimos tempos esse último quesito se resume à supremacia dos carros de cor prata. Mas, mesmo em uma época em que as opções de cores variam em uma quase total monocromia, alguns interpretadores de plantão ainda assim, arriscam dizer que o carro preto pode representar sobriedade, o vermelho faz lembrar vitalidade e coragem e assim por diante. Para mim, o azul claro, por exemplo, representa minha infância, pois faz lembrar o DKW Vemag, 1960, de meu avô. Ou seja, cada um de nós, a partir de nossas memórias, constrói seus próprios significados.

Pois bem, o carro já está na garagem e aí quem somos vai se revelar, também, pela manutenção do mesmo. Se o carro está com aquela raspadinha antiga, anda meio sujo ou brilhando, tanque cheio ou no “mico”, parado, rodando ou até mesmo emprestado para um amigo, somos nós nos revelando. Tem aqueles que mal compraram e já estão pensando em trocar ou, ao contrário, se “apegam” ao carro e ficam uma vida inteira com ele. Sabendo de tudo isso até pode ser possível traçar um perfil do sujeito ao entendermos essas questões como marcas e extensão de sua personalidade.

Enquanto andam pelas ruas e estradas da vida os sujeitos revelam-se, ainda, pelos acessórios que usam em seus veículos. Tem engate para reboque e rack na parte superior do carro? Ahm!

É aventureiro... (ou não). Sabe-se até de uma madame que colocou tapete persa e cortina no seu carro. Bem que saber disso me provocou uma certa nostalgia, ao lembrar do Aero Wyllis de meu pai, o qual tinha persianas no vidro traseiro...

E tem os tais de aerofólios, rodas incrementadas e faróis de milha... Tem até “tatuagem” para carros - Não são uma gracinha os adesivos com as famílias felizes? - Cuidado com os sequestros, dizem os mais precavidos, sobre essa exposição. E agora tem a tal da película. Será que estão usando por modismo, proteção ou pra passar despercebido mesmo? A esse ainda não aderi, pois enxergar o mundo de um jeito mais escuro não me agrada muito... Ah, e se alguém me acenar e eu não conseguir identificar quem é, eu não repondo...

Mas os carros também podem ter personalidade própria. Mesmo contra a vontade das concessionárias que querem versatilidade em seus carros, alguns deles ganham rótulos, conforme consta em um site que discute essas questões.

“Parati é carro de surfista; Corolla, de gerente; quem compra um Golf ou um Audi A3 pode ser considerado um playboy. O garotão, que vai para a balada de Scénic, não precisa nem se explicar para os amigos: está na cara que pegou o carro da mãe”, diz o autor. Na verdade, o imaginário popular não resiste a certas associações...

Seja lá um carro de luxo, um utilitário, um esportivo,... essa escolha também revela o momento de vida que se está vivendo: onde estão sendo feitos os investimentos, se a família é grande, se a prioridade é o trabalho ou o lazer. Eu, por exemplo, que já não preciso mais carregar o time de basquete de meu filho e o de vôlei da minha filha, estou bem pensando em trocar o meu carro por um menor, até porque com o traffic jam de nossa cidade essa opção precisa ser considerada. Foi-se o tempo em que andávamos na Caravan de meu pai, lotada de amigos sem cinto de segurança, se deslocando do “esquenta” para o carnaval do clube. Ahh, o “Mumuzão”! como era denominada por todos. Foi nos idos dos anos 80 que

aquela Caravan cor de mumu, com seu grande coração de mãe, carregava quase que um bloco de carnaval inteiro. E não é que sobrevivemos?

É que andávamos com cuidado... O modo de dirigir também revela a personalidade do motorista: mais cuidadoso, paciente, mais agressivo, defensivo ou ofensivo, mais acelerado (quer chegar cedo? Saia antes...) Seja onde for, o carro é feito mesmo para rodar, mas se der para ir a pé, a saúde, a economia e os demais motoristas agradecem. Por fim, indiscutivelmente, o carro dá uma sensação de poder, de agilidade, talvez até de liberdade.

No entanto, também pode ser uma arma nas mãos dos irresponsáveis. Façamos dele objeto de nossas realizações, sim, mas nunca esqueçamos que o que importa mesmo é para aonde vamos e com quem vamos...

(Marilise Brockstedt Lech

Mestre em Educação,

Especialista em Educação Infantil,

Psicóloga Educacional,

Professora da Universidade de Passo Fundo e

Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/04/2012

Título : Infância: território do brincar

Categoria: Artigos

Descrição: Embora a capacidade de brincar deva acompanhar o ser humano pela vida toda, é na infância que ela assume seu caráter de imprescindibilidade.

MARILISE BROCKSTEDT LECH

Embora a capacidade de brincar deva acompanhar o ser humano pela vida toda, é na infância que ela assume seu caráter de imprescindibilidade.

Em uma época onde a tecnologia, a competição e o consumismo podem estar roubando o valioso espaço das brincadeiras espontâneas, simbólicas e construtivas, vem à tona a antiga afirmação de Claparède (1946) que nos lembra que, “nada mais é sério do que uma criança brincando”.

Enquanto a vida humana se torna cada vez mais longa, contraditoriamente, a infância está ficando cada vez mais curta.

A partir disso, é função dos educadores, sejam pais ou professores, criarem oportunidades para que esse período seja vivenciado de tal maneira, que os pequenos sujeitos se desenvolvam plenamente, a partir de sua interação com o mundo à sua volta. Cabe lembrar aqui que, para as crianças, a brincadeira deve ter um fim em si mesma: o lazer. Já, para o educador, ela é um meio riquíssimo para favorecer o despertar da criatividade, da autoconfiança, da iniciativa, da socialização e do raciocínio lógico de seus educandos.

Além de permitir o pleno exercício dos aspectos sensório-motor e relacional, a atividade lúdica é o berço das atividades intelectuais da criança. A partir desse princípio, Maria Montessori (1960) criou os jogos sensoriais destinados a estimular cada um dos sentidos desses sujeitos em construção. Estes jogos/brinquedos estão sendo cada vez mais utilizados nos espaços criados com vistas a favorecer a educação integral dos mesmos.

O exercício do brincar favorece a autonomia do pensamento na criança e lhe dá a liberdade de escolha, capacidade essa, limitada, na maior parte do tempo em sua vida real, ao deparar-se com a infinidade de regras que constituem a vida em sociedade. Na brincadeira, ela pode “ser” quem ela quiser, “ir” para onde quiser e recriar o mundo à sua maneira. Da mesma forma, o ato de ouvir e ler histórias possibilita à criança a imaginação dos cenários e personagens ao seu modo, despertando nela a mesma sensação de liberdade que caracteriza o brincar.

O ato de brincar deve caracterizar-se, acima de tudo, pelo prazer e pela espontaneidade, e pode ser incrementado com o uso de objetos como os brinquedos em geral, construídos para tal finalidade, bem como por objetos do dia a dia que, nas inteligentes mãozinhas, se transformam em objetos de seus desejos como em um passe de mágica. Segundo o educador suíço Piaget, quando a criança brinca, ela assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade e, assim, sua interação com o objeto não depende somente da natureza do objeto, mas da função que ela lhe atribui.

O brincar e o brinquedo participam, juntos, na estruturação do Eu e na aprendizagem da própria vida, favorecendo o desenvolvimento dos processos psicológicos, a inserção social e cultural da criança. Nesse sentido, o brinquedo aparece como suporte para a brincadeira, proporcionando o estabelecimento de relações entre os objetos do mundo real, cultural, imaginário e espiritual.

A partir do exposto, fica evidenciado que a saúde física, emocional e intelectual das crianças (e também dos jovens e adultos) depende muito da capacidade de brincar, de expressar-se livremente, de não ter medo de errar e, principalmente, de ter prazer por aquilo que faz. Por fim, considerando que todo ser humano é um educador, em todo tempo e lugar, e que o verdadeiro desenvolvimento se dá através das interações humanas, conclamo a todos para brincarem juntos, pois viver é uma brincadeira que, apesar de “séria”, é indispensável à felicidade humana. “Você verá ...Que a emoção começa agora... Agora é brincar de viver...” (Guilherme Arantes).

(Marilise Brockstedt Lech é Mestre em Educação, Especialista em Educação Infantil, Psicóloga Educacional, Professora da Universidade de Passo Fundo e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2012

Título : As vantagens de se ter uma mulher no poder

Categoria: Artigos

Descrição: Sim, entramos na era da revolução da consciência humana. Depois da revolução das artes, da ciência, da indústria e da tecnologia...

## MARILISE BROCKSTEDT LECH

Sim, entramos na era da revolução da consciência humana. Depois da revolução das artes, da ciência, da indústria e da tecnologia, finalmente uma parte dos sete bilhões de seres humanos está abrindo suas mentes, deixando tabus e preconceitos de lado e enxergando as pessoas para muito além do seu sexo, da sua raça, das suas deficiências e das suas crenças.

Os olhos dos sujeitos conscientes desse novo milênio enxergam saberes e competências, mas, acima de tudo, enxergam amabilidade, disponibilidade e habilidades. Com essa nova visão, as mulheres deste tempo, mais do que em toda a história, estão sendo vistas, reconhecidas e consideradas como capazes de serem mais do que somente esposas dedicadas, boas donas de casa e mães zelosas, e de dedicar suas habilidades na construção de um mundo melhor.

Se em gerações passadas ela se dedicava basicamente ao cuidado dos seus doze ou treze filhos, agora ela se esforça, como faz nossa presidenta Dilma Rousseff, ao “cuidado” de duzentos milhões de compatriotas. E o que dizer da indiana Pratibha Patil, que teve coragem de assumir o “cuidado” de uma nação de um bilhão e duzentos milhões de habitantes?

Pratibha está presidindo a Índia há cinco anos e aquele país continua sendo um dos que têm maior desigualdade social no mundo. No entanto, estão conseguindo criar riquezas no país e, a passos lentos, combater a corrupção, um dos maiores entraves para o desenvolvimento.

Levará muitos anos para que os novos sujeitos, nascidos na era da revolução da consciência humana, depois de serem acalentados nos braços da “mulher”, possam revelar-se pessoas mais justas e cuidadosas. Educar demora e requer paciência, qualidade essa que é uma das características do feminino.

A filósofa brasileira Rose Marie Muraro expõe, em uma de suas obras, que a salvação do planeta está no feminino, e que esse gênero, que se revela na capacidade de cuidar, não está presente somente na mulher, mas também, no homem. Nesse mesmo sentido, Leonardo Boff afirma que a ética do humano está em saber cuidar.

Assim, longe de se querer estabelecer estereótipos entre homem e mulher, e de arriscar dizer quais as vantagens de se ter uma mulher, ao invés de um homem no poder, devemos compreender que todo sujeito tem porções simbólicas e subjetivas, femininas e masculinas.

Quem sabe se é o lado masculino da mulher que tem aflorado e dado a ela mais coragem, foco, imediatismo e objetividade? Características essas que são próprias do homem, ou melhor, do gênero masculino.

Grandes mulheres da história como a “Dama de Ferro” Margaret Thatcher, com seu forte perfil masculino, que não lhe permitia nem sequer esboçar emoções, Golda Meir, Indira Gandhi e algumas rainhas inglesas de outras eras que levaram seus países à guerra. No entanto, elas fogem ao perfil feminino que nos faz pensar em doçura, capacidade de comunicação, empatia com o sofrimento alheio e flexibilidade quando as coisas vão mal.

Sabendo que precisam dos outros para alcançar suas metas, as mulheres mais femininas evitam o excesso de arrogância conferido pelo poder e pelos bajuladores, e sabem também que, para chegarem ao topo das organizações, não é absolutamente necessário adotar um estilo tão masculino a ponto de abafar as características femininas. Afinal, o sucesso depende, justamente, da combinação das porções masculinas e femininas, adotando modos duros ou dóceis, conforme necessário. E isso serve tanto para o homem quanto para a mulher.

Nesse diverso século XXI, Dilma Rousseff, nossa atual presidenta que, ao demitir ministros acusados de corrupção, logo no seu primeiro ano de governo, conquistou a mais alta popularidade desfrutada por um presidente brasileiro. Juntamente com a chanceler alemã, Angela Merkel, e Christine Lagarde, primeira mulher a dirigir o FMI, com segurança, elas dividem espaço com Obama, François Hollande e Putin.

Sim, as mulheres estão mostrando suas habilidades extradomésticas.

Ao falar na abertura da Assembleia geral da ONU, em 2011, Dilma afirmou que este será o século das mulheres. Sem querer contrariá-la, eu diria que este será o século do feminino e que, assim como surgiu uma nova mulher, na relação saudável de interdependência que deve se estabelecer entre as pessoas, já está surgindo um novo homem. Está certo que eles não virão a parir e amamentar seus filhos no seio, mas estarão, cada vez mais, aptos a “maternar” a mãe de seus filhos, enquanto elas fazem isso e, assim, entenderão, cada vez mais, o poder do cuidado.

O sociólogo Pierre Bourdieu ultrapassou as visões puramente biológicas e psicanalíticas da diferença entre os sexos, e propôs uma cultura onde se deva inventar novas formas de organização, capazes de renovar instituições que ainda contribuem para eternizar a subordinação, à qual as mulheres estavam fadadas até o último século.

A participação das mulheres, com suas importantes características femininas, nos postos de comando, deve ser ampliada, pois a história já está mostrando que elas, tradicionalmente, dão mais importância à educação, à saúde e ao meio ambiente, e essas são as áreas onde se requer mais investimentos, a fim de salvar o nosso planeta da desordem e da destruição. No entanto, embora a lei determine que 30% dos candidatos a cargos públicos devam ser mulheres, elas compõem apenas 5% dos cargos eletivos.

Sem querer ser machista, e reafirmando que a maioria das mulheres tem capacidade de absorver e acumular tarefas, acredito, sim, que elas podem ter a receita para assumir o poder e fazer bonito, e que, nem por isso, vão errar a receita do bolo.

(Marilise Brockstedt Lech é psicóloga educacional, Mestre em Educação e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2012

Título : Dia Mundial do Livro

Categoria: Artigos

Descrição: Embora, desde 1926, o dia 23 de abril já fosse considerado o Dia Mundial do Livro, pelos espanhóis, essa data só foi mundialmente instituída...

## MARILISE BROCKSTEDT LECH

Embora, desde 1926, o dia 23 de abril já fosse considerado o Dia Mundial do Livro, pelos espanhóis, essa data só foi mundialmente instituída, pela Unesco, setenta anos depois, em 1996. Mas por que 23 de abril?

Foi no longínquo ano de 1616 que essa data teve real significado. Ninguém menos do que os europeus, William Shakespeare e Miguel de Cervantes, que deixaram seus contemporâneos em luto e partiram para a vida eterna no mesmo dia, mês e ano. Embora existam dúvidas sobre a exatidão dessa coincidência, assim tem sido considerada.

E hoje, por que valorizar essa data? Teria um intento de cunho comercial? Seria mera propaganda para se vender livros, sejam eles impressos ou digitalizados? Independente da resposta a essa questão, a data pode servir para chamar a atenção para a importância do livro como um bem cultural, essencial para o desenvolvimento humano e social.

Pode, ainda, servir para pensarmos e incrementarmos nossas acaloradas discussões sobre o futuro do livro. Sobre isso, pondera-se, devemos discutir sobre o livro do futuro? O Amazon, um dos maiores sites de vendas por internet, já anunciou que está vendendo mais ebooks do que títulos em papel...

Na minha infância e adolescência, debrucei-me sobre a enciclopédia Delta Larousse, para fazer meus trabalhos escolares e satisfazer minhas curiosidades.

Na geração de meus filhos, os 16 volumes da Barsa já vieram acompanhados de uma versão digital em CD.

Por fim, recentemente, foi anunciado que, a partir deste ano, a enciclopédia Britânica só poderá ser acessada a partir de um arquivo digital, de apenas 52 Kb, pois a versão impressa não será mais publicada.

Mesmo diante dessa realidade, prefiro pensar que, ao menos por enquanto, uma forma não substituirá completamente a outra. Nenhum tablet, por mais que agilize nossas pesquisas, e que tenha bem menos volume do que uma abarrotada biblioteca, terá a nostalgia de um livro.

Nenhum notebook vai permitir que dobremos suas páginas, que escrevamos em suas margens e que façamos traços, às vezes tortos, assinalando nossos recortes de texto.

Sobre isso, Ziraldo, um dos autores da obra O futuro do livro, se pergunta: "Onde é que vamos deixar riscada, com nosso lápis, a frase que vai marcar nossa vida?" Nesse mesmo sentido, o atual fenômeno da literautura, o romancista americano Nicholas Sparcks, que já

vendeu oitenta milhões de exemplares de seus 18 romances, garante que o livro impresso não deixará de existir.

Concordo com ele, e sei que ele não está só sendo romântico com essa afirmação. De qualquer forma, devemos preparar-nos para o futuro. O acadêmico da Academia Passo-Fundense de Letras, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, adaptado aos novos tempos, tem dedicado grande empenho à digitalização de livros antigos. Dentre os eleitos para tal feito, consta um dos livros de poemas de nossa inesquecível acadêmica, a imortal Jurema Carpes do Vale. Por certo que, dessa forma, grandes obras e seus respectivos autores ficarão ainda mais imortalizados e muito mais acessíveis a todos.

Para finalizar essa crônica, sobre o Dia Mundial do Livro, relembro Castro Alves que, há 150 anos, em seu famoso poema “O livro e a América”, assim declarou seu amor aos livros: “Oh! Bendito o que semeia livros... Livros à mão cheia...E manda o povo pensar! O livro, caindo n’alma, / É germe — que faz a palma, / É chuva — que faz o mar”.

Com todo o respeito eu o parafraseio: Bendito o livro que veio para ficar!!!!

(Marilise Brockstedt Lech é psicóloga educacional, Mestre em Educação e Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 05/07/2013

Título : A escola e a dimensão atitudinal dos sujeitos

Categoria: Artigos

Descrição: A escola, de forma consciente ou não, querendo ou não assumir essa condição, tem significativa influência sobre a formação humana de seus alunos.

A escola, de forma consciente ou não, querendo ou não assumir essa condição, tem significativa influência sobre a formação humana de seus alunos.

Embora seu principal papel continue sendo a construção do conhecimento, a forma como isso se dá tem sofrido profundas transformações. Mais do que ensinar, a escola precisa se preparar para educar.

A presente revisão de literatura objetiva identificar as concepções de diferentes autores que tratam da escola como um espaço educacional que forma a dimensão afetiva do conhecimento, bem como a formação da consciência humana. Conforme propõe Maturana, a educação é um processo recíproco e contínuo: Educar é um processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço da convivência. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca (2002, p.23).



A partir dessa ideia, fica evidente que toda e qualquer relação humana é transformadora. Sendo assim, está na hora de os professores se prepararem para formar seres humanos melhores, contribuindo com a transformação do mundo, por meio da formação de pessoas mais conscientes e humanas. Pergunta-se Paulo Freire se a educação transforma o mundo. Não, ele responde. A educação transforma as pessoas e, essas sim transformam o mundo. Por conseguinte, o saber transforma o mundo, mas, mais do que o saber, o que transforma o mundo são as ações decorrentes dele. “Ninguém vale pelo que sabe, mas pelo que faz com aquilo que sabe” afirma o teólogo Leonardo Boff (1999).

De acordo com Mosquera (1980), devemos entender que a educação é uma necessidade social que contribui ao destino das sociedades em todas as fases do desenvolvimento que compõem a história do homem. Lech (2007) corrobora essa ideia e descreve que a educação acontece em todos os espaços de convívio social entre as pessoas e que a escola é o verdadeiro templo onde acontece a educação de modo formal e, como tal, também deve ser um espaço de relacionamentos, de aceitação das diferenças, dos erros, das contradições, enfim, um espaço onde se busca a colaboração mútua. “Devemos planejar uma escola onde professores e alunos tenham mais autonomia, onde possam refletir sobre seu processo de construção de conhecimentos, onde aprendam a se relacionar, mas, acima compõem a história do homem. Lech (2007) corrobora essa ideia e descreve que a educação acontece em todos os espaços de convívio social entre as pessoas e que a escola é o verdadeiro templo onde acontece a educação de modo formal e, como tal, também deve ser um espaço de relacionamentos, de aceitação das diferenças, dos erros, das contradições, enfim, um espaço onde se busca a colaboração mútua. “Devemos planejar uma escola onde professores e alunos tenham mais autonomia, onde possam refletir sobre seu processo de construção de conhecimentos, onde aprendam a se relacionar, mas, acima de tudo, saibam aceitar e conviver com a complexidade”, conclui a autora.

A educação enquanto processo envolve mudanças, indeterminação. Sendo um processo, ela não tem um caminho determinado, fácil, contínuo e retilíneo.

Nesse sentido, Vieira e Baggio (2010) afirmam que “a educação se faz quase sempre de modo *sui generis*”. Os mesmos autores destacam ainda que: Para os físicos quânticos “Deus joga dados”, e pela natureza da educação o professor também joga, queira ou não, saiba ou não, tenha consciência ou não. Seus dados são conteúdos, são relações que envolvem a complexidade do *homo sapiens/demens*. Seu problema é, talvez, mais complexo, pois seus dados, (aluno, conhecimento, escola, relações) são mutantes incontroláveis e imprevisíveis (p.17).

Para definir a complexidade do processo educacional e a formação do humano o sociólogo francês Edgar Morin (2001) afirma que dependemos de saberes complexos e integrados e a isso denomina sabedoria. Nesse sentido, tanto professores quanto alunos devem ter clara a importância de buscar essa virtude humana. Strauch (2011) descreve a sabedoria como mescla especial de coração e mente. Alguns atribuem o peso da sabedoria ao equilíbrio emocional, a começar pela famosa declaração de William James (1890, apud Strauch, 2011, p.63), de que a sabedoria é “a arte de saber o que deixar de lado”.

Para desenvolver tal arte é necessário que possamos equilibrar razão e emoção. Em sua teoria sobre o desenvolvimento da moral Piaget (1994) propõe que nossa inteligência divida-se em dois aspectos: cognitiva e afetiva. O aspecto cognitivo – conhecimentos – será validado na medida em que a dimensão afetiva permitir que se faça bom uso destes.

Contudo, essa dimensão afetiva depende mais do estabelecimento de boas relações humanas do que de livros e saberes científicos. Aí está a necessidade de que os

professores, antes de mais nada, sejam bons educadores. Nesse sentido, cabe lembrar aqui de Perrenoud (2000), que afirma: “Ensina-se mais o que se é do que aquilo que se sabe.” Se a proposta educacional em uma dimensão atitudinal visa formar alunos mais éticos e humanos, os educadores precisam demonstrar essas qualidades. A relação humana é a principal fonte do desenvolvimento humano.

Depois de vivenciarmos inúmeras e diferentes revoluções através dos tempos, finalmente entramos na era da revolução da consciência humana. O mundo não está piorando, somos nós que, aos poucos, estamos passando a enxergá-lo de uma maneira mais crítica e ética. Para Boff (1999), ser ético é saber cuidar de nós mesmos, dos outros, das coisas e do planeta. A partir dessa premissa devemos considerar que a ecologia não acontece só na natureza, mas também nas relações humanas e na vida em geral. Tudo o que fazemos ecoa em nós próprios.

Se dermos amor, é amor que receberemos. Se nos movimentarmos, mais saúde teremos. Se valorizarmos a família, mais felizes seremos. Se valorizarmos a escola, mais aprenderemos.

Os sinais dessa revolução estão aí: atenção ao meio ambiente, inclusão social, educação baseada em projetos que visa formar cidadãos mais ativos e cooperativos e não só transmitir conhecimentos prontos. Diante disso podemos considerar que estamos vivenciando a tão sonhada revolução da consciência humana.

Outra importante teoria que pode contribuir para o esclarecimento das questões referentes à consciência humana é a da psicologia integral. Esse ambicioso trabalho de Wilber (2007) já está sendo considerado um dos marcos no estudo do desenvolvimento humano, mas ainda precisa ser melhor compreendido e divulgado. Para esse autor, a meta de uma psicologia integral é levar em conta todos os aspectos legítimos da consciência humana a partir de um modelo psicológico que inclui diferentes correntes sobre o desenvolvimento, analisando o curso de cada um deles, desde o subconsciente até o autoconhecimento, que é uma das qualidades do inteligente emocional (GOLEMAN, 1995). Além disso, o inteligente emocional, conforme propõe Becker (2012), engloba seus conhecimentos, as suas competências, habilidades e atitudes.

Para ele, essa sim é a verdadeira epistemologia do saber. Além dessas propostas para uma educação mais revolucionária, o autor Don Beck (1996), em seu livro *A Dinâmica da Espiral*, defende que existem códigos que formam a natureza humana e que criam diversidades globais responsáveis por impulsionar as mudanças evolucionárias. O autor acrescenta poder e precisão à concepção de sistemas humanos, apresentando conceitos para os sistemas biopsicossociais tais como memes de motivação e sistemas de valores, elaborando, assim, uma fórmula baseada em estratégias de equilíbrio entre coração e mente que visam sucesso nos processos de mudança e transformação.

Seus princípios podem ser aplicados tanto em nível empresarial e governamental, quanto em instituições educativas e programas de desporto.

Esses últimos, os programas de desporto, são passíveis de se beneficiar com a teoria da dinâmica da espiral tanto quanto, dialeticamente, podem beneficiar o estabelecimento dos códigos que impulsionam as mudanças evolucionárias.

Nesse sentido, cabe destacar a importância da prática de desportos, bem como de atividades físicas em geral, para a evolução dos sujeitos, seja no aspecto atitudinal, que neste estudo pretende-se defender, seja no aspecto procedimental e até mesmo nos aspectos conceituais, de construção de conhecimentos.

A respeito disso Jean-Jacques Rousseau (apud RAMOS, 1982) inseriu em suas premissas educacionais a necessidade do cuidado com o físico para auxiliar no cultivo da inteligência, sendo que, primeiramente, defendia ele, deve-se tornar as crianças sãs e fortes para, mais tarde, torná-las inteligentes e sábias.

Contudo, uma não deve existir somente em função da outra, ou seja, a prática de atividades físicas contribui, sim, para o aumento da inteligência, conforme propõe Strauch (2011), mas também tem um fim em si mesma. Contudo, neste estudo as atividades físicas serão analisadas como meio para aperfeiçoar a dimensão atitudinal dos sujeitos, favorecendo o seu despertar da moral a partir da vivência de regras e qualidades próprias como a liderança, a motivação, o espírito de equipe, etc. Essa ideia é corroborada por Groppa (1996), que assim defende:

No esporte as crianças são estimuladas a desenvolverem sua autonomia moral, pois quando competindo, as crianças sempre trabalham no sentido de conseguir um objetivo comum em esportes coletivos, e também, sobretudo nos esportes individuais essas crianças são estimuladas a perseguirem um objetivo respeitando as regras, mais sobretudo ciente de que são responsáveis pelas conseqüências de seu desempenho. Aquelas moralmente autônomas, mesmo sobre pressão respeitam seus adversários e todas as regras do esporte, independentemente do resultado (p.75).

Embora a grande maioria dos tipos e atividades físicas possa favorecer o desenvolvimento integral dos sujeitos, o jogo, em especial por caracterizar-se pela presença de regras, é um dos grandes facilitadores do desenvolvimento da moral. Já afirmava Piaget sobre esta questão:

Os jogos constituem admiráveis instituições sociais. O jogo de bolinhas, entre os meninos, comporta, por exemplo, um sistema muito complexo de regras, isto é, todo um código e toda uma jurisprudência. O psicólogo obrigado por dever profissional a se familiarizar com esse direito consuetudinário e dele extrair a moral implícita, só pode avaliar a riqueza dessas regras à medida que procura dominar seus pormenores (1994, p. 23).

De Rose é outro estudioso dessa área que defende a valorização da atividade física para a qualidade de vida destacando que atualmente tem havido uma tendência em considerar a prática esportiva tão importante quanto as atividades intelectuais. Seguem os seus argumentos para defesa dessa ideia:

Os argumentos que sustentam essa tomada de posição relacionam-se à aquisição de regras de conduta, de normas de comportamento e de valores sociais que fundamentam a nossa cultura. Pressupõe-se que atitudes de perseverança, de disciplina e de cooperação exigidas na prática esportiva contribuem para a formação da personalidade. Outro aspecto mencionado é o de que a competitividade inerente à vida social, sobretudo profissional, preparando a criança e o adolescente para enfrentar a vida mais adequadamente (2002, p. 25).

Seguindo essas propostas, Vieira e Baggio discorrem sobre a importância do jogo para favorecer o desenvolvimento geral do sujeito.

Um jogo, uma modalidade esportiva, traz a complexidade das relações, das disputas e da solidariedade, os aspectos individuais e o aprendizado da participação em equipe e as práticas de convivência. Nenhum tipo de jogo funciona sem exigir um mínimo de criatividade, que é esse algo mais que resiste aos comandos da razão fechada e às regulações das experiências da repetição prosaicas, equilibradas demais (2004, p.57).

São muitos os autores que defendem a ideia do jogo como estratégia metodológica que visa desenvolver os sujeitos em todos os seus aspectos e essa ideia não é nova. Elkonin afirma que:

Desde o momento em que a educação passou a ser uma função social à parte data de muitos milênios, e a essa mesma antiguidade remonta a utilização do jogo como meio de educação. Nos diversos sistemas pedagógicos concediam-se papéis diferentes ao jogo, mas nenhum deles o omitia. Esse lugar especial reservado ao jogo nos diversos sistemas de educação talvez devesse ao fato de o jogo ter uma certa afinidade com a natureza da criança. Sabemos não ser essa afinidade relativa à natureza biológica, mas à social da criança (2009, p.398).

A educação física deve estar atenta para a formação do homem como um ser ético, que seja capaz de orientar suas ações em função de valores que ultrapassem seus desejos e interesses individuais e possuam validade intersubjetiva. Nesse sentido Gonçalves faz lembrar Aristóteles que já no período clássico, defendia uma educação mais integradora.

O papel do corpo e dos sentidos no conhecimento são preponderantes, pois o corpo não é considerado, como em Platão, o cárcere da alma. Não obstante, para ele, o homem é, sobretudo um ser pensante e político, que deve dirigir sua vida pela razão. A educação moral é o objetivo prioritário de seu plano educativo. A educação dos impulsos pelo exercício é importante para a aquisição de virtudes, cuja formação é assegurada quando as disposições naturais orientam-se em direção ao Bem, isto é, tornam-se um hábito, constituindo uma segunda natureza (apud GONÇALVES, 1994, p. 93). Apesar da doutrina de Descartes (apud PEREIRA, 2012) ter contaminado praticamente todos os níveis do conhecimento influenciando diretamente na concepção de homem, de mundo e de sociedade, “dentro as práticas sociais que nasceram sob o triunfo do racionalismo antropológico-cartesiano foi precisamente a Educação Física” (p. 33). No entanto, algo de bom ficou, que foi a necessidade de se valorizar o corpo do homem, não como uma máquina ou algo separado da mente e do coração como propunha ele, mas como algo merecedor de cuidados, fossem para o preparo para a guerra, pelo higienismo, pela estética, etc. Felizmente outros filósofos, educadores e sociólogos vieram depois e alertaram para o famoso erro de Descartes (DAMÁSIO, 1996).

A educação pode ser considerada uma ciência sempre que se tiver em mente o nível de abstração de conceitos básicos que a constituem, bem como os modos de pensamento que a caracterizam. Para detalhar essa ideia, pertinente citar Mosquera, que afirma:

A educação é uma ciência especialmente analítica da possibilidade de ação entre os descobrimentos e conceitos aferidos de outras ciências e a possibilidade de explicar e investigar nos métodos que se podem inserir através das aptidões dos indivíduos (1980, p. 38).

Por fim, considerando-se essa ideia, cabe lembrar novamente de Wilber (2007), que, dentre outras importantes contribuições para a educação, propôs a integração de todas as áreas do conhecimento humano. Assim, cabe à escola ampliar o seu olhar buscando compreender a complexidade do seu papel, reconhecendo a multidimensionalidade dos fatores que interferem nos seus resultados e recorrer a outras ciências, tais como a psicologia, a biologia, a educação física e as artes, para que atenda as demandas dos alunos deste novo milênio que clamam por mais criatividade, aceitação das diferenças, metodologias mais ativas e possibilidades de exercer na prática a tão esperada cidadania que pode ser caracterizada como a dedicação à coletividade e à construção de um mundo melhor.

Data : 30/11/2013

Título : A escola e o seu papel na formação humana dos sujeitos

Categoria: Artigos

Descrição: A escola, de forma consciente ou não, querendo ou não assumir essa tarefa, tem significativa influência sobre a formação humana de seus alunos.

MARILISE BROCKSTEDT LECH

A escola, de forma consciente ou não, querendo ou não assumir essa tarefa, tem significativa influência sobre a formação humana de seus alunos. Embora seu principal papel continue sendo a construção do conhecimento, a forma como isso se dá tem sofrido profundas transformações. Mais do que ensinar, a escola precisa se preparar para educar e formar sujeitos mais humanos.

São inúmeros os autores que esclarecem este novo papel da escola e que a reconhecem como um espaço educacional que contribui sobremaneira para a formação da dimensão afetiva e da consciência humana.

Conforme propõe o biólogo chileno Maturana (2002), a educação é um processo recíproco e contínuo, onde basta os sujeitos estarem convivendo para que se transformem espontaneamente, de maneira que seus modos de viver se tornem cada vez mais congruentes. Nesse sentido, o educar ocorre todo o tempo e de maneira recíproca.

De acordo com Mosquera (1980), devemos entender que a educação é uma necessidade social que contribui ao destino das sociedades em todas as fases do desenvolvimento que compõem a história do homem e acontece em todos os espaços de convívio social entre as pessoas. Assim, a escola pode ser um verdadeiro templo onde a educação acontece de modo formal e também informal. Como tal, também deve ser um espaço de aprimoramento dos relacionamentos, de aceitação das diferenças, dos erros, das contradições, enfim, um espaço onde se busca a colaboração mútua.

A educação enquanto processo envolve mudanças, indeterminação. Sendo um processo, ela não tem um caminho determinado, fácil, contínuo e retilíneo. Nesse sentido, Vieira e Baggio (2010) afirmam que “a educação se faz quase sempre de modo *sui generis*”. Os mesmos autores destacam ainda que: Para os físicos quânticos “Deus joga dados”, e pela natureza da educação o professor também joga, queira ou não, saiba ou não, tenha consciência ou não. Seus dados são conteúdos, são relações que envolvem a complexidade do *homo sapiens/demens*. Seu problema é, talvez, mais complexo, pois seus dados, (aluno, conhecimento, escola, relações) são mutantes incontroláveis e imprevisíveis (p.17).

Para definir a complexidade do processo educacional e a formação do humano o sociólogo francês Edgar Morin (2001) afirma que dependemos de saberes complexos e integrados e a isso denomina sabedoria. Nesse sentido, tanto professores quanto alunos devem ter clara a importância de buscar essa virtude humana. Strauch (2011) descreve a sabedoria como

mescla especial de coração e mente. Alguns atribuem o peso da sabedoria ao equilíbrio emocional, a começar pela famosa declaração de Willian James (1890, apud Strauch, 2011, p.63), de que a sabedoria é “a arte de saber o que deixar de lado”.

Para desenvolver tal arte é necessário que possamos equilibrar razão e emoção. Em sua teoria sobre o desenvolvimento da moral Piaget (1994) propõe que nossa inteligência divida-se em dois aspectos: cognitiva e afetiva. O aspecto cognitivo – conhecimentos – será validado na medida em que a dimensão afetiva permitir que se faça bom uso destes. Contudo, essa dimensão afetiva depende mais do estabelecimento de boas relações humanas do que de livros e saberes científicos. Aí está a necessidade de que os professores, antes de mais nada, sejam bons educadores. Nesse sentido, cabe lembrar aqui de Perrenoud (2000), que afirma: “Ensina-se mais o que se é do que aquilo que se sabe.” Se a proposta educacional em uma dimensão atitudinal visa formar alunos mais éticos e humanos, os educadores precisam demonstrar essas qualidades. A relação humana é a principal fonte do desenvolvimento humano.

Depois de vivenciarmos inúmeras e diferentes revoluções através dos tempos, finalmente entramos na era da revolução da consciência humana. O mundo não está piorando, somos nós que, aos poucos, estamos passando a enxergá-lo de uma maneira mais crítica e ética. Para Boff (1999), ser ético é saber cuidar de nós mesmos, dos outros, das coisas e do planeta. A partir dessa premissa devemos considerar que a ecologia não acontece só na natureza, mas também nas relações humanas e na vida em geral. Tudo o que fazemos ecoa em nós próprios. Se dermos amor, é amor que receberemos. Se nos movimentarmos, mais saúde teremos. Se valorizarmos a família, mais felizes seremos. Se valorizarmos a escola, mais aprenderemos.

Os sinais dessa revolução estão aí: atenção ao meio-ambiente, inclusão social, educação baseada em projetos que visa formar cidadãos mais ativos e cooperativos e não só transmitir conhecimentos prontos. Diante disso podemos considerar que estamos vivenciando a tão sonhada revolução da consciência humana.

Embora todas as disciplinas trabalhadas nas escolas possam contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, destaca-se as aulas de Educação Física como um espaço privilegiado para a formação humana. Embora todos os tipos de atividades físicas possam ser importantes, o jogo, em especial por caracterizar-se pela presença de regras, é um dos grandes facilitadores do desenvolvimento da moral, conforme já afirmava Piaget (1994).

Seguindo essa ideia, Vieira e Baggio discorrem sobre a importância do jogo para favorecer o desenvolvimento geral do sujeito.

Um jogo, uma modalidade esportiva, traz a complexidade das relações, das disputas e da solidariedade, os aspectos individuais e o aprendizado da participação em equipe e as práticas de convivência. Nenhum tipo de jogo funciona sem exigir um mínimo de criatividade, que é esse algo mais que resiste aos comandos da razão fechada e às regulações das experiências da repetição prosaicas, equilibradas demais (2004, p.57).

A escola e, em especial a educação física deve estar atenta para a formação do homem como um ser ético, que seja capaz de orientar suas ações em função de valores que ultrapassem seus desejos e interesses individuais e possuam validade intersubjetiva.

Por fim, considerando-se essa ideia, cabe lembrar Wilber (2007) que, dentre outras importantes contribuições para a educação, propôs a integração de todas as áreas do conhecimento humano. Assim, cabe à escola ampliar o seu olhar buscando compreender a complexidade do seu papel, reconhecendo a multidimensionalidade dos fatores que

interferem nos seus resultados e recorrer a outras ciências, tais como a psicologia, a biologia, a educação física e as artes, para que atenda as demandas dos alunos deste novo milênio que clamam por mais criatividade, aceitação das diferenças, metodologias mais ativas e possibilidades de exercer na prática a tão esperada cidadania que pode ser caracterizada como a dedicação à coletividade e à construção de um mundo melhor.

(Marilise Brockstedt Lech, Psicóloga Educacional, Graduada em Educação Física e Psicologia, Doutoranda e Mestre em Educação, é Professora da Universidade de Passo Fundo e membro da Academia Passo- Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2013

Título : Educação e humanização: desenvolvimento da humanidade e do humano

Categoria: Artigos

Descrição: Apesar do tema da “educação e humanização” já estar sendo discutido desde o Período Clássico da humanidade, ainda hoje não existem, e provavelmente nunca existirão...

## MARILISE BROCKSTEDT LECH

Apesar do tema da “educação e humanização” já estar sendo discutido desde o Período Clássico da humanidade, ainda hoje não existem, e provavelmente nunca existirão, afirmações definitivas e absolutas sobre a relação entre estas duas necessidades humanas. De qualquer forma, todo e qualquer avanço nos conceitos e na ampliação das diferentes interpretações que, por mais antagônicas que possam parecer, sempre poderão ser complementares, expandindo a consciência humana e promovendo ações mais efetivas e educativas.

A história da vida humana remonta a bilhões de anos, porém até hoje ainda não está bem definido o que de fato a caracteriza, como acontece, e em que momentos e espaços aprendemos e nos tornamos “seres humanos.” Seria a nossa racionalidade? A capacidade de manipulação? A consciência? Independentemente da resposta a essas perguntas, de qualquer forma, não existem dúvidas de que a educação é a grande ferramenta para que este processo se instale, se desenvolva e confirme essa natureza. O que se sabe, também, é que a humanização não é puramente espontânea. Ela precisa ser aprendida.

Nas últimas décadas um número quase incontável de autores, dentre eles Becker, Piaget, Vygostky, Ausubel, Freire, Gardner, Morin e Maturana, têm empreendido jornadas de estudo, pesquisa, conferências e publicações científicas a fim de melhor elucidar o processo que humaniza o homem e em algo eles são unânimes: cabe à educação a condução deste processo.

Desde que existe o homem o processo educacional acontece inevitavelmente, consciente ou inconscientemente, formal ou informalmente. Seja através das relações humanas, de leituras, de acessos as mídias eletrônicas, em todo tempo e lugar as pessoas estão expostas a possibilidade de aprender e de serem educadas. No entanto, somente aquisições cognitivas não conferem a elas o sentido de humano. Se considerarmos a proposta pedagógica de Paulo Freire (2008) a educação formal deve ter em vista construir conhecimentos, bem como humanizar a espécie humana o que, para ele, materializa-se na construção da dignidade humana e na superação das realidades sociais que possam oprimi-la.

Nesse sentido Vygotsky (apud Oliveira, 1997) propõe que o homem deve transformar a sociedade, mas também é transformado por ela. Para esse grande psicólogo o que o torna o homem humano é a possibilidade de se relacionar com o outro. “Na ausência do outro o homem não se constrói como homem”, argumenta ele.

Com base na ideia de que ao conviver com o outro o homem se transforma, cabe lembrar Maturana que afirma que o processo educacional se dá na convivência entre as pessoas. Em uma de suas mais importantes citações ele esclarece:

É o processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência.” (1998, p.29) Seja em casa, no trabalho, no clube, nas ruas ou na escola, todas as pessoas estão tendo oportunidade de aprender. Contudo, neste presente estudo salientaremos a importância da escola, pois esta está encarregada da educação formal e, como tal deve estar absolutamente consciente de seu papel, de sua importância e de sua repercussão na vida das pessoas.

Antes de ser uma instituição com finalidades de transmissão e de construção de saberes científicos, a escola é, sim, um eminente espaço de convivência e de aprendizagem humana em termos de valores, ética e moral. Mesmo na escola tradicional onde as trocas entre professores e alunos, alunos e alunos, funcionários e alunos,... não eram objeto de planejamento e não faziam parte do currículo, ainda sim interferiam sobremaneira no processo educacional.

Felizmente toda a comunidade escolar está percebendo, e já não era sem tempo, que os objetivos atitudinais devem ser traçados na construção de seus projetos político-pedagógicos. Afinal, em uma época em que as informações são despejadas pelas mídias eletrônicas e um número cada vez maior de livros, revistas científicas e não científicas são produzidos, é hora de estabelecer sentido e significados a estes conhecimentos de forma que possam favorecer a utilização destes conhecimentos em atitudes no cotidiano, à favor do bem individual e coletivo. E esse sim, tem sido um dos grandes papéis da escola nesse início do novo milênio.

Conforme propõe Gardner (1995) em seu estudo das Inteligências Múltiplas, a inteligência intrapsíquica e a inteligência intrapessoal, cuja soma de ambas resulta na inteligência emocional, representam as bases para a sabedoria do agir humano e seu consequente sucesso pessoal e profissional. Uma escola que não tenha em vista a formação de sujeitos melhores, mais humanos e inteligentes emocionais não favorecerá a construção uma sociedade melhor e mais justa.

A escola pode, sim, transformar os sujeitos em pessoas melhores e estes, conseqüentemente, podem transformar o mundo em um lugar melhor para se viver. Para tanto faz-se necessárias mudanças significativas nas metodologias e currículos escolares.



De acordo com Ausubel (apud MOREIRA, 2010) as metodologias para promover a aprendizagem devem estar baseadas em conhecimentos mais significativos tendo como base os conhecimentos prévios dos alunos, indo dos fatos para os conceitos, e não o contrário. Além disso o autor propõe que os conhecimentos devem estar sempre inseridos em um contexto mais integrador, de forma que as diferentes áreas se completem, dando mais sentido a cada uma delas.

A esse respeito cabe salientar o sociólogo francês Edgar Morin (2000) que a partir do estabelecimento de um novo paradigma o qual denominou paradigma da complexidade, demonstrou, com uma visão sistêmica, que todos os conhecimentos e situações só podem ser compreendidos se analisados pelo ponto de vista da rede de inter-relações que os ligam e religam. Para definir a complexidade do processo educacional e a formação do humano o autor afirma, ainda, que dependemos de saberes complexos e integrados e a isso denomina sabedoria.

Nesse sentido, tanto professores quanto alunos devem ter clara a importância de buscar essa virtude humana. Cientes do poder da educação, a preocupação dos educadores deve estar, principalmente, em buscar formar bons profissionais da educação básica, ou seja, os professores universitários, encarregados desta tarefa, conforme aponta Santos (2010) devem:

Perceber as tantas e evidentes transformações socioculturais e transportá-las para dentro da instituição educativa é indispensável para que os docentes no ensino superior apontem um ensino concebido de forma integral e motivadora. (p.22)

Por fim, pode-se considerar que o ato de aprender é talvez a mais primitiva capacidade humana, mas os educadores devem estar atentos e muito bem preparados e motivados, pois a conciliação dos conhecimentos prontos e construídos com a formação humana e ética dos sujeitos, deve ser a tônica das preocupações atuais. Este tem sido um dos principais desafios para os educadores de hoje, diante de tantas transformações socioculturais e de questionamentos sobre os valores humanos. É preciso que a escola focalize os conhecimentos, porém, conciliá-los à humanização do homem pode ser a salvação do nosso próprio planeta. E este talvez seja o maior poder da educação.

(Marilise Brockstedt Lech, Psicóloga Educacional, Graduada em Educação Física e Psicologia, Doutoranda e Mestre em Educação, é Professora da Universidade de Passo Fundo e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

## REFERÊNCIAS

- BECKER, F. Educação e construção do conhecimento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GARDNER, Howard. Inteligências Múltiplas: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MATURANA, H. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- MOREIRA, M. A. Mapas conceituais e aprendizagem significativa. São Paulo: Centauro, 2010.

MORIN, E. Os setes saberes necessários do futuro. São Paulo: UNESCO/Cortez editora, 2000.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky- Aprendizado e desenvolvimento - Um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo:

Scipione,1997.

PIAGET, J. O juízo moral na criança. São Paulo: Summus, 1994.

SANTOS, B. S., CARREÑO, A.B. (org) A motivação em diferentes cenários. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.